



UNGULANI BA KA KHOSA: MEMÓRIAS SILENCIADAS, HISTÓRIAS REINVENTADAS

*UNGULANI BA KA KHOSA: SILENCED MEMORIES,
REINVENTED STORIES*

*UNGULANI BA KA KHOSA: RECUERDOS SILENCIADOS,
HISTORIAS REINVENTADAS*

Beatriz Lanziero¹, Julia Goulart², Sara Jona Laisse³, Tânia Lima⁴, Vanessa Ribeiro Teixeira⁵

A mais nova edição da Revista Mulemba, do Setor de Literaturas Africanas da UFRJ, que chega ao número 27, passa a compor o caudal de publicações, eventos e homenagens em torno da produção do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, grande nome da literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa, cuja obra inaugural, *Ualalapi*, completou, em 2022, 35 anos de sua primeira aparição.

Nascido em Inhamitanga (1957), província da região de Sofala, Francisco Esaú Cossa ou Ungulani Ba Ka Khosa (epíteto de origem tsonga) é professor de História e responsável por uma instigante produção ficcional, que engloba desde a pesquisa e a reconstrução histórica até a crítica incisiva da realidade dos dias atuais. Essa marcante envergadura crítica o torna um dos mais coerentes pensadores da sociedade moçambicana na contemporaneidade.

Em seu texto inaugural, contemplado com o “Grande Prêmio de Ficção Narrativa Moçambicana”, em 1990, e eleito um dos “100 melhores romances africanos do século XX”, em 2002, Khosa, revisitando o final do século XIX moçambicano, investe em uma das práticas mais sedutoras da literatura contemporânea: o diálogo tensionado com a História. Assim, sua ficção trabalha com personagens do real histórico que, ficcionalizados, buscam repensar a História oficial, desvelando novos sentidos que se encontravam ocultos. O desdobramento dessa narrativa revela-nos um interessante jogo intertextual, que vai da revisitação de documentos

1 Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). E-mail: beatrizlanziero.medio@iserj.edu.br

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade de Lisboa. E-mail: juliagoulart@letras.ufrj.br

3 Universidade Católica de Moçambique. E-mail: saralaisse@yahoo.com.br

4 Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: tanielimapoesia@yahoo.com.br

5 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: vanessarteixeira@letras.ufrj.br



históricos portugueses e provérbios populares moçambicanos até a releitura de passagens bíblicas. A estrutura polifônica, ao franquear a ascensão de vozes múltiplas, reais ou fictícias, tem como consequência a dessacralização de Ngungunhane, o mitificado último imperador de Gaza, tornando sua figura passível de novas interpretações.

Em 1990, vem a público *Orgia dos loucos*. A obra, composta por nove contos, tem como plano central a imagem de Moçambique independente, mergulhado na guerra civil e marcado pela escassez e pelo aviltamento da cultura endógena. Ao longo de suas linhas, deparamo-nos com uma série de narrativas, aparentemente desconexas, mas costuradas por um mesmo fio condutor: tudo parece estar “fora da ordem”, evidenciando o flagrante declínio das utopias libertárias.

Nove anos mais tarde, Khosa volta a publicar. Desta vez, uma reunião de quatro contos escritos com a intenção de criar espaços próprios à reconfiguração das memórias do autor. *Histórias de amor e espanto*, de 1999, revela ao público textos escritos ao longo da década de 80, época em que era um jovem professor, peregrinando pelos “campos de reeducação” moçambicanos. As narrativas representam, ficcionalmente, situações que reúnem profundos questionamentos, inquietações, esperanças e decepções experimentados pelas personagens diante da realidade do país.

No reino dos abutres, publicado em 2002, por sua vez, encena acontecimentos do passado recente de Moçambique, no qual as zonas rurais, a cidade e os campos de reeducação são perpassados pelo signo da distopia. A política mantida pelo Partido Único, que assume o poder após a Independência, silencia representantes de cultos religiosos tradicionais por considerar tais práticas “obscurantistas” e obriga à “reeducação” setores da sociedade considerados alienados: dissidentes da FRELIMO, líderes religiosos, prostitutas, velhos desalojados pela guerra, além de profissionais liberais, recém-formados, responsáveis por forjar o “homem novo” moçambicano.

Se, no título de 2002, um dos espaços evocados é o campo de reeducação idealizado pelo governo da FRELIMO, em *Os sobreviventes da noite*, lançado em 2008, o foco narrativo busca uma direção contrária, ao menos ideologicamente: um acampamento mantido sob as rédeas da oposição. Em ambos, podemos depreender a violência, a intolerância, a inteligência sufocada e a vulnerabilidade da noção de justiça. O romance, composto por seis capítulos, recria a experiência trágica da guerra civil moçambicana, também conhecida como “guerra de desestabilização”, “guerra dos 16 anos” ou “guerra entre irmãos”. O acampamento revela a insurreição do caos, marcado, sobretudo, pelo intenso esfacelamento de valores humanos: crianças transformadas em soldados e soldados transformados em bestas feras.

No ano seguinte, Khosa retorna à narrativa histórica. *Choriro* (2009) reconstrói, ficcionalmente, parte da história do entorno do rio Zambeze, em meados do século XIX. A região, caracterizada pela intensa ocupação portuguesa e goesa, pela migração de grupos autóctones africanos, pela passagem de missionários e “descobridores” britânicos, foi marcada pela prática

da caça aos elefantes e pelo comércio do marfim. Essa narrativa focaliza, justamente, o momento em que esse processo econômico vai sendo perigosamente suplantado, em fins do referido século, pelo avanço de portugueses e patrícios – mestiços reconhecidos pelos pais lusitanos – rumo ao interior, em busca de “peças” mais lucrativas: homens e mulheres escravizados.

Da busca por um tempo em que se podiam ouvir e compreender as vozes ancestrais que evocavam valores para a vivência em comunidade, surge *O rei mocho* (2012). O texto, adaptação de um conto tradicional originário do povo *sena* e transformado em narrativa destinada ao universo infanto-juvenil, logra ser mais um exemplar do projeto khoseano voltado para o questionamento de verdades absolutas, através da insurgência de diferentes vozes, versões e interpretações. Segundo o próprio autor: “(...) Quis, então, com a história, mostrar que por vezes o nosso conceito de verdade pode provocar grandes danos.” (KHOSA, 2012, p. 25)

No ano de 2013, em comemoração aos 25 anos de sua produção literária, é publicado o romance *Entre as memórias silenciadas*. A narrativa pretende ser uma versão revista e “mais bem acabada” de *No reino dos abutres* (2002), iniciativa que evidencia a profunda e inquietante agudeza crítica do autor. Por entre as malhas do discurso e da estrutura diegética, somos surpreendidos por uma curiosa “apresentação”, na qual a voz autoral delega ao leitor a responsabilidade de encaixar as peças do mosaico apresentado. Ao longo do livro, os capítulos são marcados pelo caos, pela presença de uma insidiosa desarmonia entre o passado e o presente, entre os projetos utópicos e as práticas governamentais, entre as vozes sufocadas pelas novas leis e aquelas que ainda ecoam crenças e valores de tradições africanas ancestrais, mas poucos podem ouvir e quase ninguém consegue entender.

O franqueamento de verdades múltiplas está diretamente relacionado ao direito à dissensão. Talvez seja esse mote que alinhava o conjunto de crônicas publicadas em *Cartas de Inhaminga*, de 2017. Os dezenove textos debruçam-se sobre as mais diversas matérias, mas parecem apontar para um mesmo horizonte: a crítica de um comportamento inerte, acomodado, pouco afeito à dissensão, à atitude de dizer não, potencialmente criadora, revolucionária.

Se, por um lado, Ungulani Ba Ka Khosa movimenta suas narrativas a partir de um “não” questionador das relações e comportamentos estabelecidos por aqueles que representam o poder do Estado, por outro – talvez seja o mesmo lado –, sua escrita é construída como espaço possível para a ascensão de vozes negadas pela História oficial. Em resumo: contra o “não” da História, erigem-se os “nãos” da empreitada ficcional. É nessa senda que vem a público *Gungunhana* (2017), sua produção mais recente.

Um volume, duas obras. *Gungunhana*, desde sua existência como um objeto, contraria as expectativas. No mesmo “invólucro”, somos apresentados à nova edição de *Ualalapi*, comemorativa dos trinta anos da primeira publicação (1987-2017), e ao mais novo romance, *As mulheres do imperador*, narrativa que reconstrói ficcionalmente os descaminhos percorridos

por quatro esposas do imperador nguni e três consortes de seu principal régulo, Zilhalha. O ponto de partida da narrativa é o retorno dessas mulheres ao território moçambicano, quinze anos após o exílio imposto pelas autoridades portuguesas, na sequência da prisão do Leão de Gaza, em finais do século XIX. O ponto de chegada surpreende os mais contumazes leitores da obra do renomado escritor.

A escrita de Ungulani Ba Ka Khosa, inspirada pelo dissenso, evidencia os fios puidos (sujeitos, corpos, sonhos, vontades) que são “esquecidos” pela História. *Ualalapi* é a ponta da meada que vem sendo tensionada ao longo de toda a produção khoseana. Assim sendo, os artigos publicados no volume 14, número 27, da Revista Mulemba, logram investigar os lugares, as vozes, os saberes, as imagens simbólicas e alegóricas que alinhavam histórias avessas e costuram suas tramas textuais.

Camila Knebel Fenner e Demétrio Alves Paz abrem o dossiê com o artigo intitulado “A literatura como um agente transformador do tempo presente: uma leitura de *Orgia dos loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa”. Ao longo do texto, analisam criticamente os desdobramentos dos contos reunidos no volume e refletem sobre o entrecruzamento entre memória individual e coletiva, o papel da memória na literatura e o seu devir como “um agente transformador do tempo presente”.

Carla Taís dos Santos, em “Na trama dos tempos, os narradores de *Entre as memórias silenciadas*”, passeia pelos diversos tempos e vozes evocados pelas linhas do referido romance Ba Ka Khosa, publicado em 2013. Elencando as categorias de “narrador *griot*”, “narrador *testemunho*” e “narrador *letrado*”, a autora mergulha no exercício da construção polifônica e do esgarçamento do discurso histórico oficial, impetrados pelo autor moçambicano.

Já Fernanda Bianca Gonçalves Gallo nos apresenta a profícua incursão de Ungulani pelo universo jornalístico, revelando, em “Ungulani Ba Ka Khosa na imprensa (1982-1996)”, não só os exemplares da contribuição do autor para a imprensa moçambicana, mas também – quicá, sobretudo – as tensões com as estruturas de poder, que buscaram cercear a autonomia da crítica jornalística e da literatura veiculadas por esse meio de comunicação.

Debruçando-se sobre as tensas e proficuas relações entre historiografia e narrativa ficcional, Rodrigo Santos Dultra franqueia aos leitores do artigo “Contextos e projeções na escrita e composição de *Ualalapi* (1987), de Ungulani Ba Ka Khosa” uma gama de possibilidades comparativas, reveladoras de aproximações e distanciamentos entre os diversos registros sobre o tempo de governação do imperador Ngungunhane.

Em “Memória e imaginário ideológico em Ungulani Ba Ka Khosa”, Teresa Manjate problematiza o caráter construído do discurso oficial da história, compreendido como resultado de um exercício de comparação e interpretação de registros, orais ou escritos. Tal compreensão

está na base da análise de *Ualalapi* (1987) e *As mulheres do Imperador* (2017), tendo por elementos norteadores os conceitos de memória e imaginário ideológico.

Ubiratã Souza fecha o dossiê com uma extensa análise comparativa, em perspectiva diacrônica, entre diversas obras ficcionais cujas narrativas são construídas em torno do chamado Império de Gaza. *Ualalapi* (1987), de Ungulani Ba Ka Khosa, *As andorinhas* (2013), de Paulina Chiziane, e *A balada dos deuses* (1991), de Marcelo Panguana, constituem o objeto de investigação do texto “A tópica de Gaza na literatura moçambicana e *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa”.

Na seção dedicada aos temas livres, o artigo “Vozes migrantes do exílio pós-colonial: para uma leitura transversal de Djaimilia Pereira de Almeida”, de Ana Paula Coutinho, leva-nos a migrar de Portugal à África e da África a Portugal através das inquietantes narrativas de nomeada escritora, destacando alguns tópicos transversais às suas obras.

Por entre tantas narrativas e formas de cotejá-las, a Revista *Mulemba* convida leitoras e leitores a aprender, como bem ensinam as obras do professor Ungulani Ba Ka Khosa, a desconfiar das verdades oficialmente instituídas e da apatia só aparentemente inofensiva do *status quo*, tendo em vista que “[o] que se precisa, neste mundo globalizado, é o assumir pleno da cidadania. E cidadania, compatriotas, é o dever de dissentir, de dizer não.” (KHOSA, 2017, p. 70)

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- _____. *Orgia dos loucos*. São Paulo: Kapulana, 2016.
- _____. *Histórias de amor e espanto*. Maputo: Texto Editores, 2008.
- _____. *No reino dos abutres*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.
- _____. *Os sobreviventes da noite*. Maputo: Alcance Editores, 2008.
- _____. *Choriro*. Maputo: Alcance Editores, 2009.
- _____. *Entre as memórias silenciadas*. Maputo: Alcance Editores, 2013.
- _____. *O rei mocho*. Desenhos de Americo Amos Mavale. Coimbra: EPM-CELP, 2012.
- _____. *Cartas de Inhaminga*. Maputo: Alcance Editores, 2017.
- _____. *Gungunhana; Ualalapi; As mulheres do imperador*. São Paulo: Kapulana, 2018.